



Ana Camila

# FLAVORS OF ENTANGLEMENT

Inspirado pelo álbum homônimo de ALANIS MORISSETTE



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

# FLAVORS OF ENTANGLEMENT

ANA CAMILA  
uma história inspirada por  
**FLAVORS OF ENTANGLEMENT**  
ALANIS MORISSETTE

---

SÃO PAULO, MAIO DE 2009  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY ANA CAMILA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – [WWW.MOJOBOKS.COM.BR](http://WWW.MOJOBOKS.COM.BR)

---

# FLAVORS OF ENTANGLEMENT

## ANA CAMILA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Citizen of the planet
2. Underneath
3. Straitjacket
4. Versions of violence
5. Not as we
6. In praise of the vulnerable man
7. Moratorium
8. Torch
9. Giggling again for no reason
10. Tapes
11. Incomplete

---

## FLAVORS OF ENTANGLEMENT

ALANIS MORISSETTE

LANÇAMENTO: **2008**  
SELO: **MAVERICK**

---



# **FLAVORS OF ENTANGLEMENT**

**ANA CAMILA**

São as manhãs — não as tardes ou as noites ou os momentos perdidos durante o dia, mas as manhãs, as manhãs são o momento do dia que mais nos faz felizes. Sortudos que somos, não temos compromissos matutinos com nada além da nossa própria satisfação particular. Meu prazer de cada dia é vê-la levantando da cama antes de mim, acendendo o mesmo incenso de sempre e sentando ao lado da janela, por onde entra um pouquinho da luz do sol, para meditar. É fascinante que ela consiga levantar e logo meditar, mas ela consegue, é como se nada além dela mesma estivesse ali — e esse é só um dos motivos de sua condição fascinante. Há algo nela de contemplativo, e é logo cedo pela manhã que ela, mesmo sem querer, me mostra em silêncio que há cantos da sua alma que eu nunca vou conhecer.

Pra ser sincero, não lembro como deixei que ela entrasse na minha vida. Quando penso no começo de tudo, só me lembro dela sorrindo pra mim como se eu fosse um presente no Natal. Mas aquele sorriso era o mesmo que ela me dava quando abria os olhos após dez minutos de meditação. Também o mesmo sorriso quando tinha orgasmos em pé contra a parede do quarto, ou quando estávamos no carro ouvindo rádio e, de repente, tocava a sua música preferida da Joni Mitchell. Era um sorriso de menina, mas também um sorriso solitário. Ela me dizia a cada sorriso daquele que ela nunca seria minha — e nem de nenhum outro homem.

Agora que penso, não sei o que ela viu em mim. Terá sido o meu jeito desajeitado de admirar cada detalhe seu? Ou o meu olhar que “busca respostas pra tudo”, como ela me disse na primeira vez que dormimos abraçados? Talvez tenha sido a atração natural que surge quando duas pessoas, em menos de meia hora, compartilham gostos musicais e cinematográficos e piadas de humor negro das quais as pessoas tem vergonha de rir. Ela sorriu. E continuou sorrindo dia após dia, dormindo ao meu lado noite após noite, misturando o meu cheiro ao cheiro de todas as coisas que eram dela.

Mas ela ia embora. Cada dia ela ia embora de um jeito diferente. Ela me avisou, me disse com todas as letras que o primeiro de tudo era ela, e que não ia jamais conjugar nenhum verbo na primeira pessoa do plural. Mas por que razão eu não ia querer manter aquela mulher na minha vida todos os dias? Lembro que ela riu aquela risada alta e gostosa quando eu disse pela primeira vez que eu havia desistido de todas as mulheres do mundo pra ficar só com ela. Ela me beijava, um misto de vergonha e tristeza pela minha bobagem, e tirava a roupa pra mim, apaixonada. Ela é apaixonada por mim. Mas nenhuma mulher no mundo se rende tão pouco à paixão. Havia algo que ela queria e que eu nunca poderia lhe oferecer.

Você olha pra ela e sabe que há algo de triste no seu olhar, no seu jeito de sorver o café na xícara pela manhã, de procurar as chaves do carro nos buracos do sofá, de enxugar os cabelos esfregando a toalha sem paciência. Existe algo de triste quando ela enrola seu tapete de yoga no canto da parede após praticar, algo de triste na roupa que ela não escolhe pra sair no final da tarde, algo de muito triste na imensa alegria que sente ao brincar com seus dois cachorrinhos



de estimação. Mas quando ela olha pra mim, quando me abre a porta, quando escolhe um filme pra ver comigo, quando me convida pra clássica pizza com tequila, quando se abraça no meu corpo, afundando sua cabeça pequena no meu peito — quando tudo isso acontece, eu não vejo nada além de felicidade nos seus olhos, felicidade que ninguém entende direito como funciona.

Às vezes eu quero gritar com ela ou fazer qualquer coisa brusca que desmanche o seu sorriso. Não que eu não goste daquele sorriso, mas eu queria ser capaz de causar-lhe qualquer outra coisa perturbadora que não a simples delícia do romance que dá certo. E se ela gritasse? E se ela se chateasse comigo porque eu não a quis escutar naquela madrugada? Mas ela se chateava com as vítimas dos desastres naturais na China ou com a garota na esquina do prédio que berra contra as multinacionais, toda vestida de rosa, e em todos esses meses nunca me solicitou nas madrugadas para conversar sobre qualquer coisa que não fosse algo alheio à nossa vida junto, nossa vida de casal. Outro dia um amigo me disse que eu a amo porque ela me rejeita. Mas ela não me rejeita. Ela está o tempo todo ao meu lado, ela me ouve quando eu nem preciso pedir, ela me apóia, me critica, me aconselha, tudo com aqueles olhos cheios de amor. Ela não me rejeita, ela me ama. De um modo quase maternal ela me ama, me protege. Mas o que ela quer de mim não é nada disso. E o que eu dou pra ela é qualquer coisa que eu nem mesmo sei. Será qualquer coisa insignificante — nenhum homem parece bom o bastante para essa mulher.

Havia algo em sua existência particular que não permitia a entrada de estranhos em nenhum canto — e parece que, de repente, todos lhe pareciam estranhos. E eu — bem, eu tenho o privilégio de, ao lado dela, construir memórias

pelas quais ela deliciosamente me agradece. Será isso o por quê? Naquela vez, no jantar por volta da meia-noite, ela me olhou e disse que adorava o meu olhar de abandono, como se esperasse que uma mulher salvasse a minha alma. Eu ri constrangido e ela me pediu que lhe passasse o queijo. Ela me dava aqueles momentos de menino pequeno e logo depois me abraçava como se eu fosse o homem mais forte e poderoso do mundo, e que ao meu lado ela estaria segura. Ela podia me dar tudo o que qualquer homem ia querer, incluindo noites inteiras de sexo sem pudores. Mas ela não me dava a coisa mais simples do mundo — aquele amor bobo, as promessas de eternidade, as mentiras que os amantes contam, a escolha dos nomes dos nossos filhos, as noites mal dormidas, as manhãs com olhos inchados, os silêncios constrangedores, as esperas ao lado do telefone. Não. Ela era a amante perfeita, a que não ama demais, a que não pede demais, a que sabe que a própria felicidade depende apenas dela mesma, que nenhum homem a fará feliz.

A última vez que tive medo foi quando voltei pra casa e ela não estava, quando já deveria estar. Não ousei ligar pro celular ou pra casa da sua mãe ou amigos próximos. Qualquer coisa me dizia que, naquela manhã, ela tinha decidido voltar a assumir a sua vida sem amarras. “Obrigada por ter sido o melhor homem com quem já estive”, eu me lembrava dela dizendo, e isso me acalmava. Apaguei as luzes, acendi o velho incenso e pus uma música new age pra disfarçar o peso do tempo que passava. Quando já não a esperava, ela chegou. Eu estava deitado na cama e ela deitou-se ao meu lado, me abraçando. Tinha cheiro de orquídea, pela primeira vez uma orquídea brotava dentro da rosa que ela sempre foi pra mim. Ela estava feliz. Estava feliz por nada. Eu a

amava por isso. Ela caminhava na vertigem daqueles que nunca podem errar.

Ela é humana, bastante humana. Trabalha suas angústias e medos fechando os olhos e respirando, abrindo o peito e libertando suas flores e perfumes. Mas ela não me diz nada. Não fala dos rastros do seu passado que sobem pela nossa cama muitas vezes durante a noite. Não fala das suas misteriosas escapadas de carro, em *road trips* solitárias para recobrar as energias. Não fala da sua eterna tentativa de ser perfeita pra si mesma (e também para os outros, claro) nos mínimos detalhes, de como a certeza, a paz de espírito e a crença em Deus são os *mottos* da sua existência. Não fala sequer dos seus fantasmas os mais banais, porque até mesmo eles ela quer combater sozinha. Nem de solidão ela fala, apesar de sua existência transpirar uma eterna solidão. Foram os seus olhos de abandono que se encontraram com os meus.

Naquela manhã a observei meditar por longos dez minutos. Queria esperar que ela me olhasse e queria ter coragem de dizer que não há mulher como ela, mas que eu queria ter alguém que morresse por mim. Ela abriu os olhos e se virou para mim com aquele sorriso mágico.

— Bom dia, *gorgeous!* — ela disse, um adjetivo novo para uma nova manhã. Ela me beijou um beijo fraternal e eu não distingui o seu cheiro do meu. Fechei os olhos, como num sonho. — Eu tenho sorte de ter você —, e aquilo me fez ir à cozinha fazer o suco natural de laranja sem o qual o dia dela não começa. Naquela manhã, ela também iria embora.

Quando voltei, ela estava alegremente dançando ao som do Black Eyed Peas, o que me fez rir alto. Na noite anterior ela havia dito que a vida poderia ser tão graciosa e despreocupada como uma música do Black Eyed Peas, e

cantarolamos “My humps” até nos fartarmos de tanto rir. Ela me estendeu a mão e bailamos juntos naquele quarto pequeno, ela com o sorriso mais lindo de todos os dias.

O final daquela dança, penso hoje, talvez tenha sido o final daquela felicidade consumida em todos aqueles meses, com todo amor e fome e tragédia e tempestade e carinho e expectativa e doçura que ela demanda. A música parou, veio todo aquele silêncio, o silêncio e o peso daqueles olhos de menina, que em algumas vezes, distraídos, me pediram que não fosse embora como todos os outros, que não se assustasse com seu sentimento de opressão, que não a amasse pelo que eu pensava que ela era, mas pelo que ela ainda queria ser, que não a abandonasse depois da sua primeira crise de auto-estima. Mas os mesmos olhos, no fim das contas, eram tão seguros a ponto de dizer que ela já não queria nada de grandes paixões arrebatadoras, nada de noites sem dormir regadas à vinhos, lágrimas e cinzas, nada daquelas armadilhas que os envoltimentos criam, nada de promessas, anéis, dramas e aquele gosto doce na boca. Ela queria apenas sair por aí, ser mais generosa consigo mesma, ficar sozinha sem se sentir solitária, acordar e não esperar que alguém lhe traga seu suco de laranja.

Quando ela fechou a porta atrás de si, entendi como as flores se recompõem, como as nuvens dançam entre si e encontram seus pares, como a areia se deixa molhar pelo mar. Entendi a paz na promessa de uma vida pequena e tranqüila, a felicidade compartilhada ao lado de alguém como ela e o meu lugar especial no meio daquele mundo. Ela disse “obrigada” umas dez vezes. Algumas coisas eu não acreditei, mas cedi um sorriso quando ela me agradeceu por tê-la deixado

entrar na minha vida. Foi quando entendi que ela nunca faria o mesmo por mim, e que me estava dizendo adeus com a mesma doçura com a qual me convidou pela primeira vez a fazer parte das suas memórias.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)